

Entre Eros e São Cipriano: (homo)erotismo, magia e marginalidade em uma novela de Márcia Antonelli

Between Eros and Saint Cyprian: (homo)eroticism magic and marginality in a novella by Márcia Antonelli

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.5333

Revista Fios de Letras

ISSN: 2966-0130

v. 3, n. 06, e062607, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

1 Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (PPGL/UFAM). Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade da Região Serrana (FARESE). Atualmente é acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas.

Valdinei Tibúrcio de Lima ¹

 Universidade Federal do Amazonas

 vtld.let19@uea.edu.br



Resumo: O presente artigo analisa a novela *A paixão segundo São Cipriano* (2022), parte I, da escritora amazonense Márcia Antonelli, a partir do conceito de erotismo formulado por Octavio Paz em *A dupla chama: amor e erotismo* (1993). Com o intuito de ampliar a discussão proposta por Paz, o estudo estabelece diálogo com as reflexões de Georges Bataille sobre as relações entre erotismo e interdito, bem como as contribuições de Judith Butler acerca da performatividade de gênero. A análise concentra-se na representação do erotismo manifestado por meio da linguagem, na construção do homoerotismo como experiência marcada pela marginalidade e na presença da magia enquanto metáfora do desejo amoroso. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico associada à análise textual. Ao final, busca-se compreender de que forma o erotismo estrutura a narrativa e contribui para a elaboração das tensões afetivas, sociais e simbólicas vivenciadas pelos personagens.

Palavras-chave: Amor. (Homo)erotismo. São Cipriano. Márcia Antonelli. Literatura Marginal.

Abstract: This article analyzes the novella *A paixão segundo São Cipriano* (2022) Part I, by the Amazonian writer Márcia Antonelli, through the concept of eroticism developed by Octavio Paz in *A dupla chama: amor e erotismo* (1993). In order to broaden the discussion proposed by Paz, the study engages with Georges Bataille's reflections on the relationship between eroticism and prohibition, as well as Judith Batler's contribution, regarding gender performativity. The analysis focuses on the representation of eroticism through language, the construction of homoeroticism as an experience shaped by marginality, and the presence of magic as a metaphor for amorous desire. Methodologically, this research is based on bibliographical sources combined with textual analysis of the work. Ultimately, the study seeks to understand how eroticism structures the narrative and contributes to the development of the affective, social, and symbolic tensions experienced by the characters.

Keywords: Love. (Homo)eroticism; Saint Cyprian. Márcia Antonelli. Marginal literature.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Introdução

A organização do campo literário brasileiro evidencia disputas relacionadas aos processos de circulação, reconhecimento e legitimação das obras. Determinadas produções, especialmente aquelas oriundas de espaços afastados dos principais centros editoriais e críticos do país, frequentemente enfrentam formas de apagamento que não dizem respeito apenas ao valor estético dos textos, mas também às relações de poder que arquitetam a construção dos cânones nacionais. Nesse sentido, a literatura produzida na Amazônia ocupa um lugar marcado por tensões, porque, ao mesmo tempo em que constitui um território de múltiplas experiências narrativas, ainda encontra obstáculos para uma inserção mais ampla nos debates da literatura brasileira contemporânea. É partir dessa perspectiva que se propõe uma leitura de *A paixão segundo São Cipriano*, da escritora amazonense Márcia Antonelli, considerando tanto sua inserção em uma produção literária situada em Manaus quanto os modos pelos quais a obra elabora questões relacionadas ao desejo, ao corpo e às experiências colocadas à margem.

A novela de Antonelli constrói-se pelo cruzamento entre memória, erotismo e imaginário simbólico. A narrativa acompanha a trajetória de Mário Augusto, personagem marcado por uma experiência homoafetiva vivenciada pelas limitações impostas ao desejo em determinados espaços sociais. Embora *A paixão segundo São Cipriano* seja composta por três partes, este estudo concentra-se na parte I da novela, buscando analisar de que maneira o erotismo atua como elemento estruturador da narrativa. Para isso, parte-se das reflexões de Octavio Paz em *A dupla chama* (1993), ensaio no qual o autor compreende o erotismo não como simples manifestação da sexualidade, mas como uma construção humana mediada pela linguagem, pela imaginação e pelos sistemas simbólicos.

Ao definir o erotismo como “sexualidade transfigurada: metáfora” (Paz, 1993, p. 12), o ensaísta mexicano desloca a compreensão do desejo do campo exclusivamente biológico para o campo da significação. Esse viés permite observar, na novela de Antonelli, como o desejo se constrói por intermédio de conflitos entre expressão e repressão, visibilidade e ocultamento. Em diálogo com essa discussão, recorreremos ainda às contribuições de George Bataille (1987), sobretudo no que se refere às relações entre erotismo e interdito, e de Judith Butler (2003), no que diz respeito às reflexões acerca da performatividade de gênero.

Sendo assim, a análise organiza-se em três movimentos. O primeiro examina o erotismo enquanto linguagem narrativa e expressão da subjetividade de Augusto; o segundo discute o homoerotismo como experiência marcada pela marginalidade e pelos mecanismos sociais de interdição do desejo; por fim; o terceiro observa a presença do livro de São Cipriano e da magia como elementos simbólicos que representam a tentativa do personagem de negociar os limites entre desejo, impossibilidade e realização amorosa.

1. O erotismo na linguagem do texto

Nesta seção, discutimos o erotismo como uma experiência que ultrapassa a dimensão biológica da sexualidade e se manifesta também como construção simbólica e discursiva no interior do texto literário. Antes da análise da novela de Márcia Antonelli, faz-se necessário compreender a perspectiva teórica apresentada por Octavio Paz em *A dupla chama* (1993), sobretudo sua compreensão do erotismo como uma elaboração humana mediada pela imaginação e pela linguagem.

O erotismo, para Octavio Paz, vai além do corpo, ou seja, está na imaginação, o que faz dele um fenômeno humano complexo. Diferente do conceito de sexualidade animal, Paz (1993, p. 16) afirma que “o erotismo é invenção, variação incessante; o sexo é sempre o mesmo”. Sua fala desvela a essência da criatividade existente somente por meio do ser humano. Ademais, demonstra-se que o erotismo deixa de lado a mera finalidade biológica do sexo, uma vez que “nos rituais eróticos, o prazer é um fim em si mesmo” (Paz, 1993, p. 12). Ao tratar do erotismo enquanto invenção humana, e mostrar que ele não pondera somente a reprodução sexual, Paz mostra que esse fenômeno supera o corpo e se mostra também na consciência.

Assim, esse elemento está também na linguagem, Paz afirma que “a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo” (1993, p. 12). Sua afirmação deixa mais próximas a qualidade explícita da sexualidade e a linguagem. Aqui destacamos o modo com que a escritora Márcia Antonelli tece a chama vermelha em *A paixão segundo São Cipriano* e explana a construção da narração por meio da linguagem, ilustrando o desejo e o interdito. Nesse sentido, apresentamos a sexualidade humana transfigurada como meio de destacar a escritura e não somente o impulso físico do corpo ou mesmo somente instinto sexual. No texto, percebemos que o corpo de Régis, ao ser desejado pelo protagonista, que é Augusto, é mostrado pela narradora por meio de uma linguagem descritiva, dando o teor das formas e das cores com que Augusto vê Régis, por meio dessa linguagem é mostrado o desejo. Nesse caso, a linguagem apresenta a imagem e, conseqüentemente, o erotismo. De acordo com Paz (1993, p. 12):

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal é cerimônia, representação.

No texto há cenas em que acontecem encontros e desencontros entre Augusto e Régis. Nessas cenas, a linguagem usada para descrever é uma evocação lírica e há a presença da concupiscência enquanto construção humana. Exemplo de cenas como essa: “Vi as omoplatas lindas dele indo embora. Seu rebolado. O mexer das firmes ancas. Os cabelos negros escorridos sobre a costa nua” (Antonelli, 2022, p. 7). Nesse trecho, é descrito como Augusto vê Régis enquanto chega a um bar. Diante dessa cena, percebemos que a linguagem está construindo uma imagem cercada pelo desejo de Augusto por Régis.

No texto de Antonelli, percebemos que há silêncio entre os personagens e também há excesso. Assim, podemos ver o silêncio nas cenas em que Augusto esconde seu desejo, e também, nas cenas em que Régis esconde sua sexualidade. O desejo de Augusto fica em um olhar fugidio, em lugares como o banheiro da escola, ou quando os cotovelos se tocam no balcão da danceteria que eles frequentam, e também no ato em que dividem um fone de ouvido enquanto estão no ônibus: “Agora está sabendo. – Que sensação boa aquela que senti sentado ao seu lado com meu corpo colado ao dele sentindo o seu cheiro. Régis me transmitia uma paz serena” (Antonelli, 2022, p. 19). O erotismo aparece nessas cenas que estão ligadas diretamente com a noção erótica mostrada por Paz.

Comparado a isso, Paz, em sua obra, descreve uma cena¹ semelhante a muitas cenas de Augusto e Régis, cenas em que Régis parece fugidio, etéreo para Augusto. A saber:

O apaixonado vê a presença banhada pela luz da ideia; quer tê-la, mas cai na treva de um corpo que se dispersa em fragmentos. A presença renega sua forma, regressa à substância original para, no final, anular-se. Anulação da presença, dissolução da forma: pecado contra a essência.

Diante disso, o corpo de Régis, que não pode ser plenamente tocado, tampouco conquistado, transforma-se em signo, à semelhança da cena evocada por Paz. Ademais, o desejo homoafetivo apresentado no texto, embora negado no plano da vida prática, encontra expressão no plano da escrita, isto é, da ficção. Nessa linguagem, aquilo que antes era interdito na experiência concreta surge como possibilidade de libertação, desprendido das amarras sociais.

¹ “A condenação do amor carnal como um pecado contra o espírito não é cristã e sim platônica. Para Platão a forma é a ideia, a essência. O corpo é uma presença no sentido real da palavra: a manifestação sensível da essência. É a imitação, a cópia de um arquétipo divino, a ideia eterna. Por isso, em Fedro e em O banquete, o amor mais elevado é a contemplação do corpo formoso – contemplação roubada da forma que é essência. O abraço carnal entranha uma degradação da forma em substância e da ideia em sensação. Por isso também Eros é invisível; não é uma presença, é a obscuridade palpitante que rodeia Psiquê e a arrasta numa queda sem fim. O apaixonado vê [...]” (PAZ, 1993, p. 183).

No que se refere ao fato de o desejo se constituir em um contexto de interdição social na obra de Antonelli, torna-se pertinente estabelecer um diálogo com Georges Bataille. Bataille (1987, p. 43) afirma que “se a transgressão propriamente dita, opondo-se ao desconhecimento do interdito, não tivesse esse caráter limitado, ela seria uma volta a violência – a animalidade da violência. Mas não é isto, na realidade”.

Sendo assim, a linguagem, imbricada ao erotismo, não opera simplesmente dentro dos códigos da norma; ao contrário, desvia-se deles e os tensiona. Na cena em que Augusto revela seu “vício” de observar os meninos no banheiro, não se evidencia apenas um comportamento individual, mas também um sistema social que pune seu olhar e criminaliza o desejo homoerótico. Desse modo, a escrita configura-se como uma forma de recuperar aquilo que não pôde ser plenamente manifestado na experiência concreta, deslocando-o para o plano simbólico da linguagem literária.

Dessa forma, os trechos analisados não apenas apresentam uma história de amor frustrado, mas também mobilizam a linguagem como espaço de elaboração e sobrevivência desse desejo. A análise permite perceber que tais passagens instauram um conflito entre prazer e risco, marcado pelos preconceitos sociais que repercutem na relação entre os personagens. Assim, a linguagem não apenas representa o erotismo, mas também o encena como experiência estética e transgressora.

2. O homoerotismo enquanto espaço marginal

Ao construir o enredo da história de Augusto, Antonelli dá enfoque ao que chamamos de clandestinidade, apresentando o homoerotismo como uma experiência situada à margem das normas sociais. O período em que a narrativa se desenrola é fortemente marcado pela ditadura militar; frente a isso compreende-se a presença de valores conservadores que condicionam as relações sociais. O trecho a seguir elucidado o momento histórico em a história se passa:

O Distrito bombava: fábricas e indústrias estrangeiras se instalavam no polo industrial de Manaus. Respirava-se grande esperança no Brasil com o novo presidente da República no comando da nação: o primeiro presidente eleito democraticamente depois dos terríveis 21 anos da ditadura militar (Antonelli, 2022, p. 05).

Sair à rua juntos, tanto para Augusto quanto para Régis constitui um desafio, uma vez que sua liberdade de circulação e de vivência afetiva pode ser violada a qualquer momento. Assim, o conservadorismo apresenta-se como um obstáculo, enquanto o homoerotismo assume a condição de interdito, isto é, de uma experiência que só pode ser vivida nos

bastidores desse espaço urbano marcado pelo preceito. Por essa razão, o romance entre os personagens restringe-se a lugares ocultos, como banheiros, nas ruas escuras ou nos fundos de estabelecimento, onde podem escapar, ainda que momentaneamente, da vigilância social.

Consoante Pereira (2014, p. 738), “observando em vários contextos sociais, a discriminação contra homossexuais pode ser vista, onde temos exemplo fortemente evidenciado com o futebol por ser um ambiente totalmente masculino”. No cenário apresentado, o desejo, em sua expressão imaginária, torna-se uma experiência de marginalidade, pois só pode ser vivido quando se afasta do centro dos padrões convencionais. Georges Bataille (1987, p. 10), ao tratar desse fenômeno da sexualidade humana como “a aprovação da vida até na morte”, evidencia o caráter liminar dessa experiência, isto é, mostra que o desejo nos aproxima tanto do sagrado quanto do risco. No texto de Antonelli, percebe-se que o desejo homoafetivo assume exatamente a dimensão de uma aproximação do abismo social, compreendido como o julgamento imposto pela sociedade aos indivíduos que não se enquadram na heteronormatividade. Na narrativa, Augusto é espancado no banheiro da escola por “manjar a rola dos meninos”, como ele mesmo diz. O olhar de Augusto, entendido como o primeiro movimento de desejo apresentado no texto, é punido, e essa punição é descrita de modo explícito na passagem a seguir:

Então é tu que anda manjando a rola da moçada aqui, é, viadinho? - Fiquei sem reação. Recebi logo um pescoção de um deles e chutes dos demais nas costelas. Fui ao chão e eles continuaram a bater. Bateram muito. Sem piedade. Fiquei sem ar, foi quando eles deram uma trégua e me deixaram lá jogado, no chão frio daquele banheiro de escola (Antonelli, 2022, p. 10).

Judith Butler (1990, p. 205) afirma que os regimes de gênero e sexualidade se sustentam por meio da exclusão daqueles que não se conformam à heteronormatividade compulsória. Diante disso, percebe-se que o desejo de Augusto constitui uma afronta à matriz dominante, razão pela qual ele “precisa” ser violentamente agredido, segundo a lógica conservadora que atravessa a narrativa. Conforme Cassal e Bicalho (2009, p. 60), “o medo atravessa a construção das performances de gênero e provoca um esvaziamento de espaços públicos, pois marca os encontros, a circulação na cidade e a existência em alguns territórios como perigosos e inadequados – para determinados sujeitos”. A partir dessa reflexão, entende-se que a performance de masculinidade heterossexual exigida nos banheiros, nas festas e nas conversas entre amigos funciona como uma espécie de armadura que Augusto precisa vestir para proteger sua existência. Assim, o erotismo vivido por Augusto e Régis inscreve-se no espaço da marginalidade, assumindo a forma de uma fuga.

A história escrita por Antonelli está em primeira pessoa: “Pilhas e pilhas começavam a chegar à minha mesa e eu tinha que dar conta de todas elas até as seis da tarde. Eu começava a pegar o ritmo” (Antonelli, 2022, p. 11). A escolha da perspectiva narrativa mostra que a

partir da primeira pessoa esclarece a intenção da subjetividade. O “eu” que narra é também o “eu” que se revela no texto. Ao examinar o texto, percebe-se que o erotismo sai do campo do indivíduo e também funciona como fenômeno subjetivo. Isso significa que o erotismo também mostra como o indivíduo é construído. De acordo com Rocha (2023):

[...] como dimensão fundante do que se considera humano na cultura ocidental, o erotismo diz de uma experiência interior, é um aspecto da vida religiosa do homem, de sua espiritualidade, no sentido do processo cultural de produção de sua subjetividade humanizada. A produção da subjetividade erótica (ou homoerótica) acontece como a experiência de uma interioridade, que é aí mesmo escavada em cada um por meio do jogo contraditório e dialético do interdito e da transgressão.

Podemos ver que a chama vermelha na narrativa não faz parte somente do romance entre Régis e Augusto, e, sim, faz parte da construção deles, ou seja, faz também parte de suas identidades. Segundo Octavio Paz, o erotismo é também um caminho de transcendência, uma busca de fusão que remete ao amor como experiência de totalidade: “Ao nascer fomos arrancados da totalidade; no amor todos sentimos voltar a totalidade original” (p. 196). Em *A paixão segundo São Cipriano*, parte I, essa conversão não se realiza completamente, ou mesmo nem parte dela se realize. O amor de Augusto por Régis é interrompido.

Em um dos encontros entre Augusto e Régis, quando ouvem juntos uma música no ônibus, e eles dividem o fone de ouvido, é o momento em que o erotismo atinge sua dimensão mais presente no texto, uma vez que antes disso sua presença estava afastada, mas isso se expõe somente na visão de Augusto, mesmo que o amor entre eles dois seja proibido, naquele instante de tempo é mostrada uma intimidade sendo compartilhada.

3. A magia como metáfora simbólica do desejo

Em meio à rica simbologia presente em *A paixão segundo São Cipriano*, o livro de São Cipriano desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da narrativa. Na história, esse livro é entregue a Augusto por um colega de trabalho chamado Jairo. Ao introduzir esse elemento no enredo, Antonelli também incorpora à narrativa uma dimensão mágica, ou, mais precisamente, macabra, que amplia o campo simbólico da obra.

A magia introduzida assume um caráter alegórico, pois representa ali o desespero amoroso que é manifestado pelo protagonista. É como se Augusto, ao tomar conhecimento da existência do livro, passasse a enxergar maiores possibilidades de êxito em seu romance com Régis. Dessa forma, o elemento sobrenatural não se limita a um recurso narrativo. Mas funciona como uma projeção dos desejos e das inquietações que movem o personagem.

Outro ponto importante a ser enfatizado é a descrição feita à apresentação do livro. O cenário é descrito com tom de obscuridade. O livro é mostrado a Augusto por Jairo, em um momento em que eles estão no galpão do lugar em que eles trabalham, Jairo, o colega de Augusto, é mencionado como um rapaz feioso, com rosto repleto de muitas espinhas e com uma íris deslocada. O livro é introduzido com a seguinte cena:

Eu já manjava o tipo. Um sujeito estranhíssimo. Travoso. Tinha espinhas inflamadas cobrindo o rosto todo e uma íris do olho direito deslocada. Sinistrão. Ele sempre pegava o mesmo ônibus que eu. Treinava ao meu lado e nunca que havíamos trocado uma palavra sequer. Naquela tarde ele me veio com aquela história de São Cipriano: - Esse livro é batuta! Tiro e queda, irmãozinho. Pode crer! (Antonelli, 2022, p. 15).

O objeto, o livro de São Cipriano, por sua vez, é descrito como tendo letras douradas e possuindo uma capa preta, também é descrito com fascínio e temor, como é apresentado o amor que Augusto sente pelo seu amado. Há um sentido ambíguo, porque às vezes o livro é desejado por ter rituais que podem fazer o impossível por meio do sobrenatural, e às vezes é indesejado e negado, uma vez que não é aceito pelas convenções da sociedade. Assim também é o amor que Augusto sente, há desejo por partes dos envolvidos, mas socialmente é reprimido.

Essa ambivalência reproduz o movimento que também é do erotismo, que em *A dupla chama* é definido como tensão entre prazer e proibição, entre o sagrado e o profano. Paz afirma que:

Essas regras servem simultaneamente a sociedade (cultura) e a reprodução (natureza). Sem elas a família se desintegraria, e com esta toda a sociedade. Submetidos à perene descarga elétrica do sexo, os homens inventaram um para-raios: o erotismo. Invenção equívoca, como todas as que idealizamos: o erotismo propicia a vida e a morte. Começa a se desenhar agora com maior precisão a ambiguidade do erotismo: é repressão e permissão, sublimação e perversão. (p. 18).

Usar a magia enquanto artifício para conseguir o que é considerado impossível não é uma invenção no texto de Antonelli, essa ação é consagrada desde bem antes, está, inclusive, na tradição cultural de muitas religiões. Em *Totem e Tabu* (1913), Freud argumenta que as forças eróticas e os sistemas religiosos são coextensivos, ambos lidando com o interdito e com os mecanismos de projeção simbólica. Quando o desejo não pode ser expressão ou quando é expresso e mesmo assim não é correspondido, é manifestado em práticas ritualísticas, no caso do texto analisado, utilizando a oração da cabra preta.

Quando Augusto aceita o livro, ele está aceitando também que pode trazer Reginaldo de volta e também que seu amor não pode ser vivido sem depender de ações naturais, por isso recorre ao sobrenatural, ou melhor, ao marginal, aquilo que está fora de tudo que é

aceito moralmente. Enquanto na categoria heteronormativa e cristã, o amor é celebrado pelo casamento, no texto de Antonelli o amor se realiza em uma liturgia secreta, nisso são diferentes, mas também são semelhantes no que se refere à transgressão. A relação entre religião, rituais e erotismo é destacada também por Paz (1993, p. 20), ao afirmar que o sagrado se confunde com o erotismo, pois ambos têm como centro a transgressão. Assim, ele profere que:

Não é necessário, para provar isso, lembrar os cultos fálicos do Neolítico ou as bacanais e saturnais da Antiguidade greco-romana; em duas religiões marcadamente ascéticas, o budismo e o cristianismo, figura também – e de maneira proeminente – a união entre a sexualidade e o sagrado.

Diante disso, o desejo de um ser por outro que não se pode ter ou mesmo desejar alguém do mesmo sexo se tornou um ato de transgressão. O livro da capa preta², com suas orações e rituais para fazer coisas além do que é naturalmente possível, é considerado algo contrário da oração cristã, é como uma possessão carnal no lugar da submissão espiritual. Ademais, o livro mostra o desespero do protagonista, que mesmo sabendo que não será correspondido, ainda insiste.

É importante ressaltar também que o homoerotismo expresso por Augusto está imbricado na clandestinidade. Por isso, a magia se mostra intrinsecamente ligada com a ficção literária, ou seja, as duas são na história um meio de dizer aquilo que não pode ser posto em prática no tempo em que decorre a história. Assim, a literatura e o feitiço são modos de criar realidades paralelas.

A invenção humana acerca da sexualidade, no caso do romance analisado, aparece como encantamento. O amado se torna um objeto ou mesmo fetiche. O sujeito apaixonado, que se sente em desespero diante da ausência e da rejeição que Régis mostra a ele, acaba recorrendo ao meio simbólico disponível, no caso, o rito da oração da cabra preta. Pondera-se que o livro mágico é uma metáfora do próprio texto de Antonelli, que quando narra a paixão impossível de Augusto, também opera por consequência um encantamento sobre o leitor.

Portanto, *A paixão segundo São Cipriano* articula o erotismo à magia como formas paralelas de linguagem e realização de uma alternativa paralela à realidade, e tanto a magia como a linguagem são parte de um protesto que não aceitam a real situação do protagonista e intentam um outro caminho para realizar com êxito os desejos de Augusto.

² Livro de São Cipriano.

Considerações finais

A paixão segundo São Cipriano é um texto que faz parte da trajetória de Márcia Antonelli, dita por ela como uma autobiografia. Este trabalho intentou uma leitura de específicos trechos, que foram analisados sob a ótica de erotismo desenvolvida por Octavio Paz em sua obra *A dupla chama*. No texto de Márcia, somos conduzidos a um emaranhado de ações e acontecimentos pertencentes a um tema principal, o romance de Mário Augusto e Reginaldo.

A leitura aqui proposta teve como objetivo central permitir uma compreensão de como a manifestação da sexualidade humana aparece na obra de Márcia, e mais, como a linguagem foi usada para criar imagens com teor puramente erótico, além de mostrar como o amor entre dois homens pode ser entendido como uma transgressão. O conceito proposto por Paz de que o erotismo não está restrito ao mero sexo e sim que está ligado à imaginação, a invenção humana, é encontrado com facilidade nos escritos de Márcia.

Quanto ao elemento da magia, constata-se que o amor mostra uma narrativa que vai além do plano inicial, além do corpo e mostra que quando ele não pôde se fazer por um caminho, encontrou outro, como no caso de Augusto ao decidir fazer o uso do livro de São Cipriano para atingir seu objetivo.

O diálogo com Bataille, Butler e Rocha elucidou como o erotismo está para além da sexualidade, assim, neste trabalho, esse elemento do imaginário humano foi abordado como linguagem, como imaginação e também como invenção, confirmando e reforçando o conceito dado por Paz.

Ao analisar o texto de Márcia, alguns pontos surgiram, sobretudo porque o tempo em que se passa a narração está marcado pela ditadura militar, diante disso, importa dizer que com base nessa pesquisa e análise, dado o curto espaço deste trabalho, não se pode abordar todas as nuances que comportam o texto. Diante de tal recorte, faz-se mister a sugestão de possível pesquisa na seguinte temática: a repressão do homoerotismo e seu aparecimento em obras escritas no período da ditadura militar.

Referências

ANTONELLI, Márcia. **A Paixão Segundo São Cipriano**. Manaus, 2022.

BARROS, Lindinês Gomes de. Erotismo: uma resistência do sujeito às proibições. **Revista Inter-legere** – ano 1, número 1. Rio Grande do Norte, 2007.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre, 1987.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASSAL, Luan Carpes Barros; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. **Homofobia e sexualidade**: o medo como estratégia de biopoder. Revista de Psicologia da UNESP, 2011.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tatu e outros trabalhos**. Editora: Imago. Tradução de 1950.

PAZ, Octávio. **A Dupla Chama**: amor e erotismo. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo, 1993.

PEREIRA, A. S. L. S.; ALFAIA, A. J. B.; SOUZA, L. E. C.; LIMA, T. J. S.; Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicol. Soc.** 2014, vol.26, n.3, pp.737-745.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. Apontamentos teóricos para uma história lgbtqi+: uma saída queer para a polêmica essencialismo/construcionismo. **Revista de História** (São Paulo), núm. 182, a00723, 2023.